
A LEITURA FEITA PELO PROFESSOR COMO MOTIVADOR DO COMPORTAMENTO LEITOR: UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Maria José de Brito*
Peterson da Paz**

Apresentação

A formação continuada é uma das prerrogativas no trabalho docente. Assim, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Colorado do Oeste tem designado profissionais para a função de tutor/orientador para os cursos de formação continuada em serviço oferecidos à rede municipal de ensino. Por isso, desde 2013, existe a coordenação e orientação de estudos da formação continuada em serviço do Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Esse trabalho de orientação contribui para nossa formação pessoal e profissional, mas também nos inquieta ao nos fazer constatar a resistência que alguns educadores têm em trabalhar a leitura em voz alta e a leitura deleite, que o PNAIC tão bem destaca. Percebemos, desse modo, a necessidade de manter sempre em pauta a importância da leitura feita pelo professor como incentivo e hábito leitor do aluno.

Diante dessa perspectiva, nosso objetivo, neste trabalho, foi evidenciar a prática de leitura em sala de aula como recurso para ampliar os conhecimentos dos alunos, além de ser uma possibilidade motivadora para que as alfabetizadoras dos 2º e 3º anos adotassem essa estratégia em suas práticas pedagógicas.

Como se sabe, a constituição do sujeito leitor é um processo longo. Inicia-se desde os primeiros contatos da criança com as narrativas infantis e com livros para crianças. Conforme esclarece Silva (1995, p. 109), no contexto escolar, é necessário que o professor seja um motivador, um exemplo:

[...] para que ocorra um bom ensino da leitura, é necessário que o professor seja, ele mesmo, um bom leitor. No âmbito das escolas, de nada vale o velho ditado “Faça o que eu digo (ou ordeno); não faça o que eu faço” (porque eu mesmo não sei fazer!), isto porque os nossos alunos necessitam do testemunho vivo dos professores no que tange à valorização e encaminhamento de suas práticas de leitura.

*Graduada em Letras/Literatura pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Professora da Rede Municipal de Colorado-RO, atuando como orientadora de estudos do PNAIC. britomaryy@hotmail.com.

**Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, supervisor/formador de polo do PNAIC no Estado de Rondônia. petersondapaz@gmail.com.



Assim, é necessário que os educadores atuem como mediadores, familiarizando as crianças com a leitura, por meio da narrativa dos clássicos da literatura e de outros gêneros textuais.

Caracterização das escolas

A rede municipal de ensino de Colorado do Oeste, em Rondônia, é composta por sete escolas, duas na zona urbana, que atendem somente educação infantil, e cinco escolas na área rural, que atendem do 1º ao 9º ano. São elas: “Dom João VI”, “Gilberto Amado”, “Getúlio Vargas”, “Planalto” e “Professora Clair da Silva Weyh”. Essas escolas atendem a uma turma de cada ano, sendo que, nas escolas “Planalto” e “Gilberto Amado”, no 1º e no 2º anos, por causa do número reduzido de alunos, as turmas são multisseriadas. Nas cinco escolas juntas, estudam 576 alunos no total. As turmas participantes desse estudo são as do 2º e 3º anos das escolas rurais citadas.

As professoras dessas turmas são profissionais de carreira e participaram de vários programas de formação continuada, entre eles: Gestar I, Pró-letramento, Escola Ativa e, atualmente, o PNAIC. As turmas são compostas, em média, por 15 alunos, de idade entre sete e oito anos, sendo que, aproximadamente, 80% dos alunos são filhos de sítiantes da região. De modo geral, todos acompanham as atividades propostas com naturalidade e desenvoltura.

Fundamentação teórica

Segundo Freire (1996), nas sociedades subdesenvolvidas, um dos poucos lugares onde as pessoas têm acesso e contato com os livros é a escola. A partir desse pressuposto, se reconhece a relevância da escola e dos educadores em promover incentivo à leitura. Essa afirmação vem ao encontro do que acreditamos: os primeiros contatos do aluno com o livro, na leitura feita pelo professor ou pelo adulto, motivam e solidificam o gosto e o prazer de ler.

O material do PNAIC enfatiza que “[...] o professor, ao fazer uma leitura expressiva, empolgada, do texto, motiva as crianças a participarem da conversa e a desejarem que outros textos sejam lidos” (BRASIL, 2012a, p. 17). Entendida desse modo, a motivação para leitura deve ser baseada no interesse de cada criança, respeitando o seu nível de capacidade intelectual. E, para detectar o grau de interesse, cabe aos professores observar, estimular e propor discussões, procurando a melhor forma de trabalhar a leitura para não desmotivá-los. Faz-se necessário buscar alternativas que façam emergir, automaticamente, o conhecimento acerca de determinado assunto com leituras em sala, tais como: leitura livre ou em pequenos grupos, cantinho da leitura (histórias em quadrinhos, livros de histórias, jornais, revistas científicas), recital de poemas, hora da notícia, ler



para os colegas, entre outras (BRASIL, 2012b, p. 14-15). Dentro desse contexto, Ferreiro (1993, p. 33) coloca:

Faz-se necessário criar um ambiente alfabetizador havendo um “canto ou área de leitura”, onde se encontrem não só livros bem editados e ilustrados, como qualquer tipo de material que contenha a escrita (jornais, revistas, dicionários, folhetos, embalagens e rótulos comerciais, receitas, embalagens de medicamentos etc.). Quanto mais variado esse material, mais adequado para realizar diversas atividades de exploração, classificação, busca de semelhanças e diferenças para que o professor, ao lê-los em voz alta, dê informações sobre “o que se pode esperar de um texto” em função da categorização do objeto que veicula.

Paulo Freire, no prefácio de sua obra “A importância do ato de ler” (1996), alerta o professor que trabalha com alfabetização para o fato de que ele tem a tarefa de ensinar a ler, e mais, de ensinar a “ler o mundo”. De acordo com as palavras do autor, nessa leitura da “palavra mundo”, reside a possibilidade de se formar leitores conscientes e críticos, cidadãos capazes de transformar a sociedade em que estão inseridos. Em sentido semelhante, Silva (1995, p. 67) adverte:

Ninguém aprende a gostar de leitura apenas ouvindo falar de livros, só vendo-os de longe, trancafiados numa prateleira – é necessário que a criança pegue e manipule o “ingrediente” do livro, leia o que está escrito dentro dele para sentir o gosto e para verificar se essa atitude tem ou poderá ter uma aplicação prática em seu contexto de vida.

Cardoso e Pelozo (2007) também afirmam que, nos primeiros anos de escolarização, o aluno precisa ser incentivado e instigado a ler, de modo que se torne um leitor autônomo e criativo.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), a leitura é sempre um meio, nunca um fim. No entanto, no eixo da questão da leitura e da escrita, essa dificuldade se expressa com clareza nos primeiros anos de alfabetização. Assim, é importante que o professor saia do espaço fechado da sala de aula e encare o trabalho literário com muita seriedade. A atividade da leitura exige condução por quem entende e gosta.

Relato de experiência

No decorrer de 2016, acompanhamos as turmas do 3º ano quanto ao nível, fluência, entonação e ritmo da leitura em voz alta, realizada pelos alunos. Ao longo do ano, apresentamos algumas leituras aos alunos e os incentivamos a fazerem empréstimos dos livros do acervo da escola. Além disso, sempre orientamos as professoras das turmas a manterem um diálogo sobre as leituras feitas por seus alunos, abrindo espaço para que recontassem a história lida ou usassem outras estratégias para acompanharem as leituras feitas pelos alunos. Entretanto, percebemos que algumas



professoras falavam de leitura, faziam as leituras propostas nas atividades curriculares e acreditavam que estavam lendo “o tempo todo” em sala de aula, mas não a leitura para fruição, a leitura “deleite”, como motivava a formação do PNAIC.

Quando se iniciou a formação de 2016 e a temática apresentada foi leitura em voz alta e oralidade, vimos, então, uma possibilidade de apresentar aos colegas uma nova visão de leitura realizada pelo professor que é motivador e gerador de aprendizagem. No entanto, alguns professores relataram que não tinham o hábito de fazer leitura em voz alta para seus alunos com frequência.

Desse modo, decidimos, no início de 2017, como orientadora de estudos e formadora, desenvolver um trabalho de leitura em voz alta nas turmas do 2º e 3º anos da rede municipal, para que não só as crianças vivenciassem uma experiência relacionada a essa importante prática, mas também as professoras pudessem se motivar para adotarem regularmente essa prática incentivada no seu curso de formação. Com a ideia elaborada, conversamos com as professoras alfabetizadoras sobre a proposta e todas apoiaram a ideia.

Para desenvolver esse trabalho, fizemos a escolha do livro que ajudasse os alunos a se lembrarem dos trechos lidos. Os critérios adotados para essa escolha foram a brevidade e a musicalidade do texto; o fato de a página final de cada trecho trazer pistas para a próxima, o que ajudaria na antecipação. Por ser um texto breve, mas rico em ilustrações com alusão aos contos clássicos, planejamos o trabalho de exploração para três aulas em dias alternados, durante duas semanas.

Para as professoras das turmas que seriam atendidas, apresentamos o livro anteriormente, falamos da exploração do texto, dos encaminhamentos com os alunos e abrimos espaço para que elas fizessem intervenções. Feita a preparação das professoras, o trabalho passou a ser realizado com os alunos.

O livro escolhido para esse trabalho foi: “Pêssego, pera, ameixa no pomar”, de Allan Ahlberg, ilustração de Janet Ahlberg e tradução de Ana Maria Machado. Trata-se de uma história rimada, com vários personagens clássicos da literatura infantil. O texto faz alusão a diversos contos clássicos através dos personagens citados no decorrer da história, como: O Pequeno Polegar, Cinderela, Os Três Ursinhos, João e Maria, Robin Hood entre outros, os quais os alunos poderiam já conhecer.

Após a apresentação do livro (em *data show*), autor, tradutor, editora, capa, exploração da imagem, realizamos perguntas tais como: Olhando só a capa, o que nos parece que o livro sugere? Onde acontece a história? O que mais chamou a atenção de vocês na capa?

Comentamos que era um livro cheio de surpresas e perguntamos se eles gostavam de surpresa. Nesse momento, foi uma euforia só. Logo após, iniciamos a leitura, com o alerta do começo da história: “A cada página trate de olhar: há um segredo para você encontrar”. A cada descoberta



dos segredos presentes na ilustração, nós víamos o sorriso e o brilho no olhar das crianças. À medida que iam aparecendo os personagens, fazíamos perguntas do tipo: “Quem conhece o Pequeno Polegar? E a Cinderela? Será que esses personagens são os mesmos da história que vocês já conhecem? E acrescentávamos: “Depois vocês nos contam essa história, precisamos conhecer”.

Terminada a leitura, fizemos uma conversa sobre o que mais tinha chamado a atenção, se eles conheciam as histórias dos personagens que apareciam, e abrimos espaços para a recontagem de alguns pedaços da história. Somente uma turma de 3º ano não conseguiu fazer relação dos personagens com as histórias clássicas. Quando apresentamos com mais detalhes, apenas lembraram-se da Cinderela

Na sequência, falamos da escrita do texto e procuramos saber se eles tinham percebido algo além dos personagens que lhes chamaram a atenção.

Das nove turmas em que trabalhamos, duas não perceberam que o texto tinha rimas. Para essas turmas, explicamos sobre a repetição dos termos no final das frases e deixamos que mostrassem, numa segunda leitura, onde as rimas se encontravam. Após os comentários sobre as rimas, voltamos ao livro e, novamente, lemos para que eles apontassem as rimas presentes em cada página. Em seguida, fomos para o momento de diversão com o jogo das rimas, que foi muito prazeroso devido ao envolvimento de todos. Nesse instante, as turmas que não identificaram palavras rimadas sentiram certa dificuldade. Para encerrar as atividades do primeiro dia, pedimos que fizessem uma lista de palavras rimadas, orientados pela professora alfabetizadora. Esse material seria utilizado no segundo momento.

No segundo dia, voltamos às turmas e fizemos uma retomada da leitura lembrando alguns personagens. Todos pediram para que lêssemos novamente. Na sequência, pedimos que lessem a lista de rimas construídas por eles com ajuda da professora. Depois exploramos as imagens do texto. Primeiro a capa: falamos das frutas, da alimentação saudável, de onde eram cultivadas as frutas e pedimos que representassem, por meio de desenhos, o campo, o ambiente onde acontece a história. Exploramos também os personagens que apareceram como: Cinderela, Peter Pan, João e Maria, Robin Hood, o tipo de moradia desses personagens. Exploramos os diferentes animais que apareciam no texto, tipo de *habitat*, se tinham penas ou pelo. Usando a gravura da página 27 do livro trabalhado, criamos e brincamos com o jogo dos sete erros.

No terceiro dia, brincamos com o jogo da memória, usando os personagens. Já com as turmas do 2º ano, fizemos um gráfico das frutas. Além disso, outras atividades foram desenvolvidas, tais como: criação de outra ilustração para capa, de acordo com a história; exploração das estações do ano, destacando a estação das frutas; os tipos de moradia dos personagens da história e as moradias atuais e, por fim, a apresentação de um texto instrucional (receita da torta que aparece na história).



Trabalhar esse livro foi prazeroso, pois, durante a leitura, os alunos foram estimulados a dialogar com o texto, a explorar as imagens, a interagir com os colegas, a brincar com as rimas e a socializar suas ideias nas atividades propostas.

Avaliação dos resultados

Em todas as turmas, fizemos três visitas para desenvolvimento das atividades, com permissão e sob o olhar das professoras alfabetizadoras. Percebemos que os alunos tiveram bom desempenho. Notamos que nossa presença não alterou o comportamento do grupo, pois já os acompanhávamos e sempre estivemos presentes nas escolas. Percebemos também que sentiam entusiasmo sempre que chegávamos para fazer as leituras em sala. Foram capazes de nos surpreender com as suas atitudes, interação e participação ativa na leitura. A alegria espontânea que demonstravam estava relacionada à novidade que levávamos e eles ansiavam por algo novo. Sentimos as turmas sempre envolvidas e com entusiasmo nas atividades que propusemos. Foram bastante cooperativos.

Pudemos considerar como positivas as intervenções. Demonstramos algumas alternativas para se trabalhar a leitura com os alunos. As professoras alfabetizadoras colaboraram com seus conhecimentos e mantivemos, assim, uma relação de troca de saberes. Em conversa posterior, algumas delas nos relataram que as crianças cobravam delas outras leituras nos moldes das que vivenciaram conosco, o que exigiu delas um novo posicionamento em relação a essa atividade. E esse foi um dos pontos mais significativos de nossa intervenção.

Para as professoras que não tiveram essa prática pedagógica evidenciada, percebemos que será preciso traçar algumas ações que possibilitem esse tipo de reflexão, nos momentos formativos.

Infelizmente, há um descaso enorme pela leitura e pelos textos na escola. A leitura, que deveria ser a maior herança legada pela escola aos alunos, pois ela, e não a escrita, será a fonte perene de educação, com ou sem escola, ainda não faz parte efetivamente da prática diária do professor. (CAGLIARI, 2002). Ainda de acordo com Cagliari:

A leitura não pode ser uma atividade secundária na sala de aula ou na vida, uma atividade para qual a professora e a escola não dediquem mais que uns míseros minutos, na ânsia de retornar aos problemas de escrita, julgados mais importantes (2002, p. 173).

É necessário que o educador seja o promotor de ideias e ajude os alunos a serem sujeitos leitores. Apesar de notarmos que a maioria das professoras está colocando em prática o vivenciado



nos períodos de formação, acreditamos que o incentivo à leitura ainda é tímido, há muito a se fazer. É preciso que escola e professor assumam essa responsabilidade.

Considerações finais

A experiência nos possibilitou compreender, ainda mais, o processo da alfabetização e como a leitura é importante para a criança nesse processo. Reforçamos o pensamento segundo o qual a escola e os educadores devem aprimorar a prática da leitura como elemento fundamental na construção do saber, elencando, dentro do currículo, tempo relevante para exercê-la. A leitura é uma competência necessária que precisa ser desenvolvida, e o professor é o mediador nesse processo, devendo propiciar meios, estimular e orientar as crianças com exemplos diários em sua sala de aula.

Realizar esse trabalho nos trouxe maior visibilidade de como inserir os momentos de leitura na formação dos professores. Percebemos onde devemos focar para ajudá-los a entender melhor sobre o que explorar nos textos, destacando a presença do caráter lúdico, que é capaz de mobilizar a atenção das crianças e desenvolver a imaginação, aperfeiçoando o conhecimento das obras literárias e melhorando, assim, a aprendizagem.

Quanto ao trabalho com os alunos, fortalecemos o vínculo afetivo e notamos o entusiasmo por novas leituras. Despertamos também o interesse por empréstimos do acervo do PNAIC presente nas salas e mais visitas ao cantinho da leitura, entre uma atividade e outra.

O trabalho confirmou nossa certeza de que é com livros, com a literatura infantil, com bons tipos e gêneros textuais que estabelece a base inicial para as boas práticas de motivação para um bom leitor.

A contribuição profissional deste trabalho que aqui apresentamos foi valiosa: nos levou à reflexão sobre as mudanças que vêm ocorrendo na educação e que é preciso abordagens e estratégias que tornem o livro encantador. Nós, educadores, precisamos inovar para motivar nossos alunos a lerem bons livros em meio a tantos recursos tecnológicos.

Percebemos também que alguns educadores têm apenas como prática de leitura os textos apresentados nos livros didáticos. É preciso maior conscientização (e mudança) por parte de alguns profissionais dessa relação com a leitura. Alguns tentam e conseguem encontrar um caminho; já outros acreditam estarem fazendo o certo e não procuram alternativas dinâmicas e prazerosas para si e tão pouco para os alunos. Todavia, embora muitos avanços tenham ocorrido, advindos da formação continuada do PNAIC e de outros programas, é preciso ir além.



Referências bibliográficas

AHLBERG, Allan. *Pêssego, pera, ameixa no pomar*. Ilustrações de Janet Ahlberg. Tradução de Ana Maria Machado. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Consolidando conhecimentos - Ano 03, Unidade 03*. Brasília: MEC, SEB, 2012a.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Ludicidade na Sala de Aula - Ano1, Unidade 4*. Brasília: MEC, SEB, 2012b.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

CARDOSO, Giane Carrera; PELOZO, Rita de Cássia Borguetti. A importância da leitura na formação do indivíduo. *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas de Garça, Garça/SP*, n. 9, jan. 2007.

FERREIRO, Emilia. *Com todas as letras*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 36. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *Leitura na escola e na biblioteca*. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

